

Jornal *O Cola*

DE LETRAS PARA LETRAS

O FIM DO MEU PARA SEMPRE

«E se um dia te dissessem que não
vais poder voltar a fazer o que
mais gostas?»

TOP 5

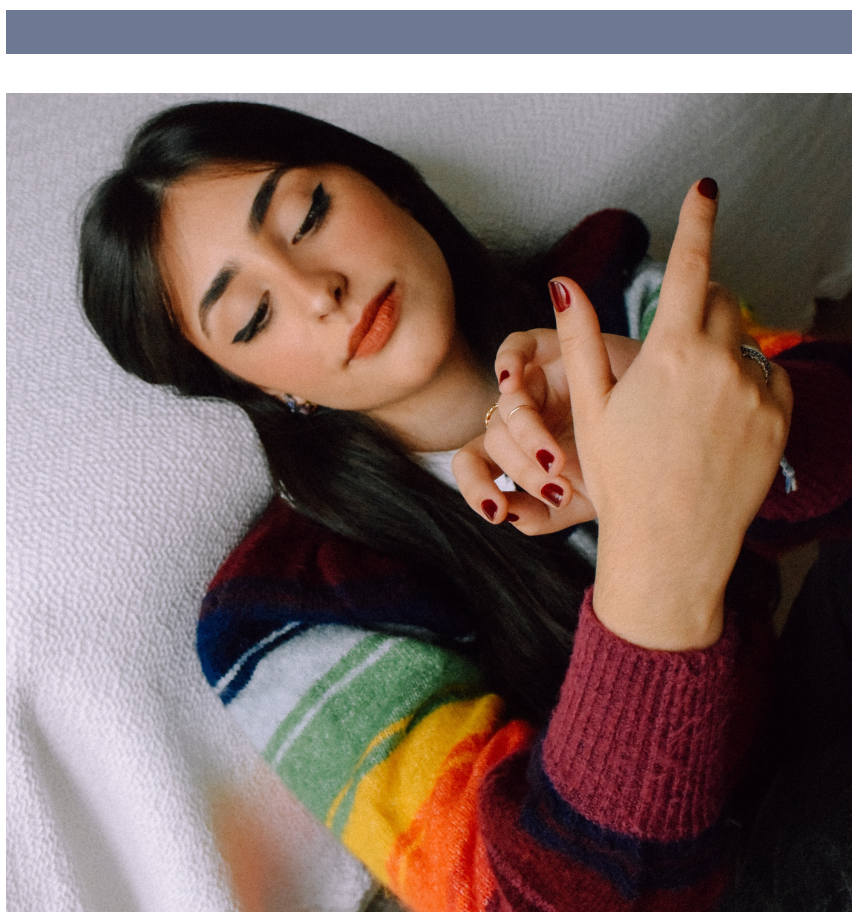
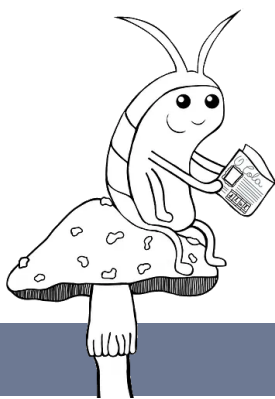
Melhores lugares para
estudares em Lisboa

Se és daquelas pessoas que não
consegue estudar em casa, não
desesperes mais. *O Cola* traz-te
uma lista com 5 lugares perfeitos
para estudares em Lisboa!

RUTURA

O regresso do fascismo

«Cem anos depois, a extrema-
-direita está manifestamente de
volta aonde começou – e em
força.»



© Carolina Santiago

O OUTRO LADO

Tudo sobre o outro lado de Elisa

Vencedora do Festival da Canção 2020
é ex-aluna da Faculdade de Letras
da Universidade de Lisboa.

Cares leitores,

Antes de mais, sejam bem-vindes a mais uma edição! Temos muito gosto em apresentar a 6ª Edição d'O Cola, um jornal de toda a comunidade estudantil da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa.

Ao longo destes meses, temos vindo a aprimorar o nosso trabalho de modo que consigamos alcançar os nossos objetivos: lançar edições com mais regularidade e em formato físico. Além disso, es membros d'O Cola também têm estado dedicades em criar novos conteúdos do interesse da comunidade fluliana. Temos várias novidades e rubricas que esperemos que sejam bem recebidas.

Acreditamos que sejam notáveis os avanços que temos vindo a fazer. Estamos mais dinâmiques, mais atives e entramos agora com uma nova imagem. A nossa equipa está empenhada para que, a partir de agora, consigam adquirir o vosso exemplar físico do jornal sempre que sair uma nova edição. Queremos que isso seja a nossa nova normalidade. Também, estaremos sempre a lançar conteúdos online e teremos novos textos no nosso *website* todos os sábados (versão original às 14h00 e versão traduzida às 14h30).

Recentemente, fechámos mais uma *open call* depois de termos acolhido quase dez novees membros. Estamos entusiasmadíssimes pelo vosso interesse. Somos, cada vez mais, um jornal de letras para letras. Tem sido fantástico trabalhar com uma equipa tão diligente, tão disponível e, sobretudo, amiga. Agora, com esta equipa atualizada — repleta de pessoas talentosas, motivadas e prontas para trabalhar —, estão reunidos todos os esforços para que O Cola possa prosseguir para uma nova etapa.

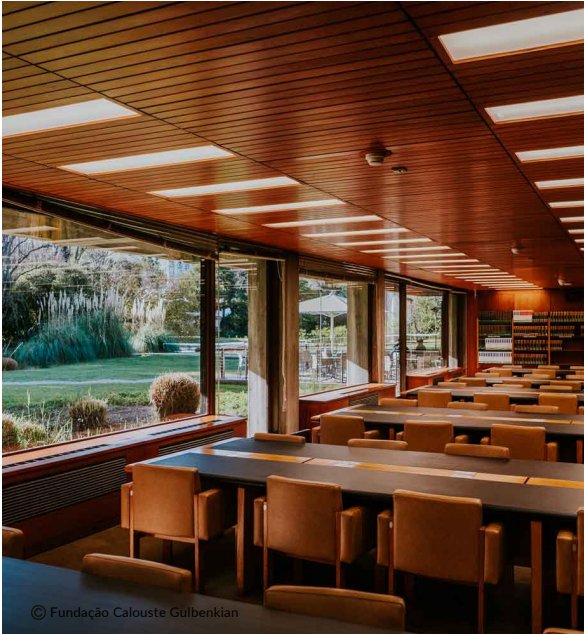
Resta-nos agradecer a todes es que nos acompanham, e continuam a fazê-lo, e à nossa equipa. Deixamos também um agradecimento especial ao Nobre Bastos, que recheou esta edição com as suas lindas ilustrações.

Sem a vossa colaboração, O Cola nunca teria levantado voo.

Boas leituras e muita sorte neste último semestre,
A Direção.



Top 5 Melhores lugares para estudares em Lisboa



© Fundação Calouste Gulbenkian

2. Biblioteca de Arte Gulbenkian

Com salas de leitura e de investigação, acesso livre a publicações, periódicos recentes e à vasta coleção física e digital Gulbenkian, a Biblioteca de Arte Gulbenkian é um dos melhores sítios para estudar. Bem localizada, perto da estação de metro de São Sebastião (linha azul e vermelha), é de fácil acesso e com vista para o icónico jardim Gulbenkian onde é possível fazer pausas entre o estudo e admirar a beleza de um dos espaços culturais mais dinâmicos e influentes da cidade.

4. Jeronymo da Estação do Oriente

Situado dentro da estação de comboio do Oriente, o café Jeronymo é um estabelecimento acolhedor e surpreendentemente pitoresco para se estudar. Importa referir que tem boas opções vegan e que não há filas. Se gostares de estudar com luz natural, é o sítio ideal. Há imensos lugares virados para as janelas onde é possível acompanhar as mudanças de cor do céu ao longo do dia. Está aberto de segunda a sexta entre as 6h e as 20h e aos fins de semana das 7h às 20h.

1. Palácio Baldaya

No centro da freguesia de Benfica, na estrada de Benfica, o Palácio Baldaya é um espaço cultural com biblioteca, cafetaria e um pequeno jardim interior. Além de ter sido convertido num polo cultural, contém nas suas instalações uma biblioteca, uma ludoteca infantil, um espaço co-working e a sede do Qualifica. Os magníficos jardins ao ar livre são também um grande pretexto de visita, além do ambiente calmo e propício para trabalhar ou estudar. Também serve de palco a vários eventos culturais. Encontra-se aberto todos os dias, das 9:00 às 22:00h, exceto aos domingos, que abre às 9:00 e encerra às 19:00h.

3. Biblioteca Palácio Galveias

A Biblioteca Palácio Galveias localiza-se no Campo Pequeno e, para além de ser um ótimo local para estudar, oferece um agradável jardim com esplanada para relaxar entre as pausas de estudo. Numa viagem até ao século XVII, podemos contemplar um dos palácios mais bonitos de Lisboa que dispõe, não só um espaço amplo com muita comodidade, como também acesso gratuito à internet e a serviço de fotocópias. A entrada é gratuita e sem qualquer tipo de restrição. Estando a vigorar o horário de inverno, o Palácio está aberto de terça a sexta, das 10:00 às 18:00h e segundas e sábados, das 13:00 às 19:00h.

5. Biblioteca Nacional de Portugal

A BNP, localizada no Campo Grande, é a biblioteca com maior património bibliográfico de Portugal, contendo, por isso, um elevado número de exemplares exclusivos. Para ter acesso a todo o material bibliográfico é necessária a concessão de um cartão de leitor anual, cujo valor é de 12 euros. Além de ser o local ideal para pesquisar informação em meios alternativos à internet, conta também com inúmeras exposições temporárias maioritariamente de acesso gratuito. Encontra-se aberta de segunda a sexta, das 9:30 às 19:30h e sábados, das 9:30 às 17:30h.

Nos últimos meses, o mundo tem visto um claro e gritante retorno do fascismo. Este fenómeno já apresentava sintomas há uns anos, desde a reversão constitucional do Roe v. Wade, o ataque ao Capitólio norte-americano em janeiro de 2021, o crescimento da direita reacionária nas últimas eleições lusas ou a manutenção da elevada distribuição de votos a favor de um candidato protofascista brasileiro, mesmo após uma administração ruínosa, entre outros. Mas o fascismo consolidou o seu renascimento com o recente retorno ao seu berço, no seio de Itália. Cem anos depois, a extrema-direita está manifestamente de volta aonde começou - e em força.

Mas, se na rua vemos a sua sombra, se nos becos e à porta das tascas cheiramos a sua pungente substância criminosa e continuamos imóveis perante esta indiscernível ameaça velada, quiçá precisemos de nos indagar: porquê este súbito retorno? Quais as circunstâncias que o viabilizaram? Será que o fascismo retornou, ou nunca partiu de todo? São questões pertinentes na nossa busca pela resposta sobre se o regresso do fascismo é iminente, dado o presente caso sintomático, e pela justificação do seu reaparecimento, no caso da verdade da premissa. Talvez até, tempo haja, nos indaguemos sobre cortar este vício cerce.

Décadas após se terem recuperado, em grande medida, as liberdades fundamentais assaltadas durante os períodos de fascismos diversos e ditaduras militares, a direita extremada aparenta ter retomado o seu lugar predileto enquanto solução às frustrações socioeconómicas cíclicas, na perspetiva das massas. Fá-lo na forma de um neo ou protofascismo herdeiro, que, disfarçada ou explicitamente, assume um renascimento dos valores reacionários: contestação de direitos reprodutivos das mulheres, negação da "ideologia de género", proliferação de slogans como «Deus, pátria, família» e afins. Entre as

tendências globais desta vaga, encontram-se o ataque à secularidade estatal, o apelo ao nacionalismo e a culpabilização de minorias que se encontram fora da família tradicional nuclear pelos males sociais.

Com a chegada do modernismo, a ânsia por uma melhoria exponencial na qualidade de vida, conjuntamente com um novo aumento de soberania, conceberam-se (de forma contraditória, mas não inorgânica) as filosofias totalizantes e totalitárias que procuravam dotar a vida uma ordem previsível, e que o Humano há muito desconhecia, no âmbito de uma garantia na qualidade de vida. Estes movimentos pós-guerras mundiais, utópicos no seu âmago, constituíram os primeiros fascismos - com ordens totalizantes, ultranacionalistas e militares, exclusivos e racializados e, por vezes, expansivos, que procuravam purgar o mundo da decadência económica e moral, legitimando, assim, o cometimento de atrocidades.

Esta foi a configuração do fascismo numa realidade modernista e pós-guerra muito específica. Mas como se configuraria o fascismo numa realidade pós-modernista?



Uma realidade onde o “núcleo familiar” se encontra alargado, as sociedades são multiculturais e miscigenadas como nunca, a soberania nacional se encontra comprometida pela acessão a alianças internacionais e a maioria da força laboral se divorciou da fábrica e foi terciarizada. Ora, a resposta é complexa e, para a obter, teremos de recorrer a uma ilustração multinacional do renascimento do fascismo.

Com a transição para a liquidez do pós-modernismo, um mundo paulatinamente mais digital, uma faseada desintegração do estruturalismo social e uma população a cada dia mais errática, difusa e ansiosa, o fascismo confrontou-se com uma premente necessidade de reformular a sua estética, antes de quebrar exílio. Os laivos ideológicos característicos mantêm-se, mas a sua complexidade e aspirações intelectuais foram quase ou integralmente afogadas. Para sobreviver dentro das estruturas da democracia liberal e Estado de direito, o fascismo deixou cair as suas aspirações totalizantes, adotando uma postura de descredibilização do sistema eleitoral (eletrónico ou não), uma simplificação do discurso – roçando, muitas vezes, a boçalidade –, a coleção de representantes de minorias sociais como símbolo da sua inclusão, a concomitante marginalização e objetificação das mesmas minorias como bode expiatório dos males socioeconómicos («os parasitas, os bandidos...»), a apologia à desacreditação da ciência (como amostra, o negacionismo referente às vacinas de COVID-19 e ao uso de máscaras como impedimento da propagação da mesma) e o apelo à manutenção singular e proteção



do modelo conservador da “família tradicional” – num mundo progressivamente mais libertário, em que diferentes moldes de distribuições familiares são crescentemente aceites.

Mas que conjuntura procria o retorno desta ideologia hedionda? O fascismo enquanto filosofia organizadora constitui uma resposta direta aos malogros do capitalismo; no caso em questão, o neofascismo no século XXI representa uma represália à crise do capitalismo global **(1)**. O capitalismo, atualmente, experiencia uma crise global e orgânica, substanciada pela dimensão da sobreacumulação e uma dimensão política de soberania em crise **(2)**.

O fascismo, no século passado, consistia na união de poder político reacionário com capital nacional, ao passo que no presente envolve o consórcio de poder político reacionário e repressivo com capital transnacional – produtos patentes nos Trumpismos dos EUA e no Brexit do Reino Unido **(3)**. A transnacionalização dos maiores setores económicos dentro do sistema capitalista toma lugar dentro de um sistema de autoridade política, assente na afirmação do estado-nação. Assim, no presente, é concebida uma conjuntura de contradições ideológicas com as quais o sistema é incapaz de lidar, que merecem ser analisadas **(4)**.

Cada episódio de crise no presente sistema envolveu alguma degradação na soberania e legitimidade do estado, estimulando conflitos sociais, militares e de classes. O que daqui resulta é a reestruturação sistémica: novos arranjos e dinâmicas institucionais, de relações de classe e de atividades de acumulação, que eventualmente eclodirão no restabelecimento do sistema e expansão capitalistas. A crise estrutural, como as crises económicas, é um fenómeno cíclico e ocorre aproximadamente a cada 40-50 anos **(5)**.

Como precedente, uma nova onda de imperialismo resolveu a primeira Crise Estrutural dos dos anos 70 do séc. XIX; a Grande Depressão foi resolvida através de um novo tipo de capitalismo redistributivo, «o compromisso de classe do Fordismo-Keynesianismo», social-democracia e afins. **(6)**

A última crise estrutural, de 1970, foi resolvida através da globalização do capital, com uma população global integrada globalmente num mesmo sistema financeiro e de produção (7).

Com a globalização, uma nova classe capitalista transnacional (TCC) tendeu a procurar escapar às bragas da configuração de estado-nação a favor da acumulação e a girar a correlação entre classe e forças sociais a seu favor. Fatores como novas tecnologias, políticas neoliberais e novas modalidades da exploração da força laboral global permitiram a hiperacumulação de capital por esta classe a tal ponto que Oxfam estimou que 1% da população detinha mais de metade de toda a riqueza mundial. A classe capitalista transnacional, por conseguinte, acumulou uma quantidade gargantuesca de poder e de controlo transnacional sobre os recursos globais, instituições, sistemas políticos, media e indústrias culturais (8).

Desta extrema acumulação nas mãos de alguns resulta que esta minoria não tenha plataformas rentáveis sob as quais descarregar o seu capital sobreacumulado (9). Dada a situação, Estados são pressionados a criar novas oportunidades para a geração de lucro. Mas a digitalização do mercado, na extensão em que substituiu as forças de produção, reduzindo os custos, intensifica as contradições do sistema capitalista e abranda o ritmo de lucro. Sem intervenção estatal nos mercados laborais e promoção de políticas redistributivas, o capitalismo digital demonstra-se incapaz de resolver o problema de sobreacumulação. Em adição, seria razoável concluir que a digitalização só colocaria entraves à regulação do capital transnacionalmente móvel. Daí que resulta numa agravação das problemáticas de legitimidade e hegemonia de Estados e, subsequentemente, numa ainda maior instabilidade económica global (10).

A crise é tal que as elites transnacionais se confessam tremendamente preocupadas com a possibilidade de revolta e divididas na forma da solução da situação.

Ultimamente, o que transpira é um sistema social sucessivamente mais repressivo, de forma a proteger as discrepâncias sem precedentes na distribuição de riqueza mundial (11). A classe burguesa transnacional adquiriu um interesse na guerra e repressão como instrumentos de preservação da sobreacumulação. Enquanto o conflito e repressão se mutam numa crescente privatização, os interesses desta classe influenciam a realidade política do estado de coisas, traduzindo-se na manutenção de conflitos, por exemplo, no Médio-Oriente, em sistemas repressivos e em expansão de vigilância, guerra e controlo sociopolítico (12).

Dada a conjuntura, é concebido o Estado Global Policial, que entenderemos como três desenvolvimentos inter-relacionados: os crescentemente presentes sistemas de controlo social, estimulados pela burguesia transnacional com o intuito de reprimir quaisquer sintomas de revolução pelas classes trabalhadoras globais; o facto de que, cada vez mais, a economia global se substancia pelo desenvolvimento de sistemas de guerra, de controlo social e de repressão como meio de lucro no panorama da contínua sobreacumulação numa fase de estagnação económica - o que apelidaremos de "acumulação militarizada" - e, por fim, a transição para sistemas que poderão ser caracterizados como correspondentes a um fascismo moderno ou, num sentido mais amplo, totalitários (13). Um fator catalisador desta tendência de construção de um Estado Policial Global foi o 11 de setembro nos EUA, a par de uma insurgência de "terrorismo" no Ocidente.



Isto permitiu às potências bélicas ocidentais o escalar dramático dos seus orçamentos militares (por exemplo, O Pentágono aumentou em 91% o orçamento entre 1998 e 2011, enquanto os lucros da indústria militar quase quadruplicaram) e de segurança interna, na forma de marginalização de minorias e imigrantes, refugiados, construção de vedações para impedir a entrada em território nacional, construção de centros de detenção de imigrantes, «guerra ao crime e às drogas» no esquema da amálgama e subsequente marginalização de minorias sociais e, ultimamente, a expansão dos aparelhos burocráticos de segurança (14).

Assim, as novas tecnologias revolucionaram a violência, o controlo social, as modalidades de estado, a indústria de violência privada e fundiram ainda mais adiante a sobreacumulação privada com a militarização do estado. Cada vez é mais árdua a distinção entre as dimensões militarizadas e não-militarizadas da economia global de guerra. A digitalização permite, assim, a criação de um Estado Global de Polícia, simbiótico com o fascismo pós-modernista: ao passo que a digitalização acumula capital e polariza classes e grupos, as classes dominantes tornam às mesmas tecnologias que lhes garantiram supremacia para, desta vez, concomitantemente resolver a crise económica de sobreacumulação e reprimir as revoltas que as condições socioeconómicas propiciam (15). O que resulta desta lógica paradoxal é uma reestruturação espacial adaptada para a contenção de comunidades marginalizadas, exponenciada pela constante vigilância permitida pelos avanços da digitalização – a constante guerra de baixa intensidade às minorias sociais, classes revolucionárias e demais comunidades vulneráveis (16). De tal forma existem os guetos modernos.

Martin Luther King argumentou no discurso «The Other America» que a conclusão lógica do racismo perante uma dada raça seria a extinção da mesma. Seguindo essa lógica, seria plausível ou logicamente razoável definirmos que a conclusão lógica do capitalismo será o fascismo?



Protagonistas da política do fascismo moderno, como Le Pen, Órban, Kaczynski e Trump, eles próprios não são tão perigosos quanto as ideologias nacionalista-conservadoras que libertaram. Vejamos, até que ponto está a nova classe burguesa transnacional aliada à retórica nacionalista e reacionária? Até que extensão a beneficia? Este grupo é de cariz manifestamente globalista e cosmopolitano, uma existência incoerente com a retórica anti-globalista proliferada pelos círculos neofascistas europeus. A própria extrema-direita europeia não mantém particulares relações com a burguesia transnacional e esta segunda sente-se insegura na promoção do nacionalismo como solução final à crise de hegemonia, sendo que nem o poderia patrocinar explicitamente (17).

Tomemos os EUA como base de raciocínio, como maior arauto de acumulação militar. As maiores instituições e agentes económicos norte-americanos estão investidos na economia e no complexo industrial-militar, mas, para a burguesia transnacional, o investimento nesta não se correlaciona necessariamente com ideologia, mas, sim, com lucro e manutenção de hegemonia. Para a burguesia transnacional, o investimento militar não é diferente do investimento na indústria de energia, de saúde e afins, em termos de segurança de rentabilidade. Isto a par de comportar a supressão das classes revolucionárias, manter o capitalismo global e os setores de investimento – como era tendência do Keynesianismo militar norte-americano mantido desde a 2ª Guerra Mundial – e não iniciar o fascismo (18). Daqui inferiremos que a

relação entre a burguesia transnacional e o nacionalismo reacionário é circunstancial, sendo a atual resposta encontrada para a problemática da sobreacumulação e para a proteção da soberania do estado. Ainda assim, não constitui uma relação isenta das suas contradições lógicas e ideológicas. O potencial para uma contínua e mais profunda amálgama de interesses existe, mas terá de ultrapassar as desavenças entre o nacionalismo reacionário e o globalismo. Uma clara manifestação desta problemática foi a iniciação de uma guerra comercial por parte de Trump com a China, conjuntura que, se desenvolvida, produziria uma crise nas redes de produção e distribuição a nível global **(19)**.

Para a consolidação da aliança reacionarismo-burguesia e a mutação desta ligação de um cariz débil e circunstancial para uma resposta efetiva e hegemónica a uma crise estrutural do capitalismo, seria necessária uma conjuntura de instabilidade global mais dramática do que a realidade presente, algo possível. No entanto, talvez fôssemos mais sensatos em concluir que se trata de uma aliança híbrida entre elites políticas nacionalistas com uma base social reacionária e uma classe capitalista transnacional substanciada através da acumulação possível pela repressão militar **(20)**. Ainda assim, se não opostas por uma alternativa viável à solução atual, o neofascismo consolidado como resposta da burguesia transnacional para próxima crise estrutural será provável **(21)**.

Então, que solução encontraremos para conter esta enfermidade? Alguns propõem a transição para um modelo de "Capitalismo Verde" - um modelo capitalista que reconcilie princípios neoliberais de crescimento de mercados com desenvolvimento sustentável. O modelo implicaria um investimento extensivo em tecnologias ambientais, inaugurando uma nova forma de acumulação, não só no campo das energias renováveis, mas também na recolha de resíduos e microplásticos.

Assim como a militarização da economia concebe lucro e sobreacumulação, simultaneamente suprimindo revolta, a ambientalização desta criaria novos veios para capitalização e potencialmente resolveria maleitas sociais e acrescentaria uma nova dimensão democrática à economia.

Mas até que ponto uma transição para um "Capitalismo Verde" não seria um mero lenitivo? Dado que o atual sistema revela sintomas cíclicos de defeitos estruturais, não será uma questão de tempo até a solução saturar e degenerar em ecofascismo? Não revelou já o sistema as suas limitações e inconsistências claras? Não será plausível projetar que, no processo de uma incessante digitalização, a classe capitalista transnacional inovaria avenidas para a sobreacumulação numa economia verde? Talvez seja tempo de procurar soluções além do capitalismo, quiçá o sistema tenha atingido o zénite da sua redistribuição de riqueza e qualidade de vida e a sua perpetuação se revele problemática.

Qualquer sistema tem um ponto de rutura, o ponto a partir do qual a destabilização é tal que o retorno à cobiçada estabilidade é inexecutável. É provável que o capitalismo tenha ultrapassado esse ponto: os capitalistas modernos já não são capazes de acumular eternamente. Então, experienciamos esta crise estrutural, de sucessão ao sistema existente. A desigualdade entre o 1% mais rico e os demais 99% atingiu níveis impossíveis de retroceder - a desigualdade é prolífera e corrompe todas as instituições e comportamentos sociais. O sistema



rompeu para além da sua capacidade de regeneração e perpetuar a sua subsistência será um esforço cruel para todos os envolvidos – é necessária uma rutura completa. A possibilidade de retornar a uma forma mais socialmente justa de capitalismo é crescentemente mais escassa, até porque raramente aconteceu ao longo da história das crises sistémico-estruturais (22).

Ultimamente, o neofascismo surgiu como uma resposta circunstancial à crise estrutural mais recente baseada na sobreacumulação por parte dos capitalistas transnacionais, concebendo um estado de repressão policial e vigilância, ergo contendo as classes revolucionárias. Pode ser que o capitalismo se tenha saturado em termos de contribuições notáveis às nossas sociedades e estados democráticos, porventura tenhamos crescido para além da necessidade dele. Quiçá seja a altura de reverter as lógicas de trabalho, de acumulação, de extração de lucro do próximo, de desigualdade e procurar um sistema económico-político mais democrático e menos vulnerável ao discurso de ódio e ideologias totalitárias. Independentemente do status quo estar imaturo, algo é claro – a necessidade de rutura.

Notas de Rodapé:

1. Robinson, William I. "Global capitalist crisis and twenty-first century fascism: Beyond the Trump hype." *Science & Society* 83, no. 2 (2019): 155.
2. *Ibidem*: 156.
3. *Ibidem*: 155.
4. *Ibidem*: 156-157
5. *Ibidem*: 157.
6. *Ibidem*: 157-158.
7. *Ibidem*: 158.
8. *Ibidem*.
9. *Ibidem*.
10. *Ibidem*: 160.
11. *Ibidem*.
12. *Ibidem*: 161.
13. *Ibidem*.
14. *Ibidem*.
15. *Ibidem*: 162.
16. *Ibidem*.
17. Harris, Jerry. "The future of globalisation: neo-fascism or the Green New Deal." *Race & Class* 61, no. 1 (2019): 8-9.
18. *Ibidem*: 9.
19. *Ibidem*.
20. *Ibidem*: 11.
21. *Ibidem*.
22. Shaw, Ian GR, and Marv Waterstone. *Wageless life: A manifesto for a future beyond capitalism*. U of Minnesota Press, 2019.



Curso Ageing Studies

O Centro de Estudos Anglísticos da Universidade de Lisboa está a organizar um curso de análise de textos ficcionais e teóricos baseados nos tópicos do envelhecimento, autoconhecimento, identidade e idadeismo. As inscrições são obrigatórias e podem ser feitas até ao dia 4 de março para o e-mail: gestao.ceaul@letras.ulisboa.pt.

O curso realizar-se-á nos dias 13 e 14 de março, das 12H às 18H., na sala B112.C.

Oito de março

Autoria: Sofia Lopes
Edição: Matilde Mala

Cortemos o cabelo,
Gritemos nas ruas,
Mas para quê?

Pintemos os lábios de vermelho,
Rasguemos os sutiãs,
Mas para quê?

Usemos minissaia,
Usemos calças,
Mas para quê?

Escrevamos ensaios,
Quebrems barreiras,
Mas para quê?

Se o Homem só ouve
quando há corpos a morrer,
Se o Homem só vê
quando há sangue a escorrer.

Porque ninguém nos quer escutar,
Até um homem opinar.

E basta somente um,
Um só homem mediar,
Para todos passarem a lutar.
Porque a mulher não é nada,
Até o homem por ela falar.



Desconto: Laboratórios e Clínicas Joaquim Chaves Saúde

Tens os teus exames em dia? Os alunos da Faculdade de Letras beneficiam de um desconto aplicado sobre a tabela de preços dos Laboratórios e Clínicas Joaquim Chaves Saúde em qualquer zona do país. Os descontos serão aplicados em tratamentos, exames, análises e consultas especializadas, basta apresentar o cartão de aluno.

**Morada: Avenida General Norton de Matos
71, R/C Miraflores**

O OUTRO LADO

ELISA

Estivemos à conversa com Elisa, a madeirense de 23 anos que, em 2020 venceu o Festival da Canção. Elisa foi aluna da Faculdade de Letras em 2018/2019 e, em 2021, lançou o seu primeiro álbum - No Meu Canto. Hoje, revela-nos o outro lado de si.

Em que momento da tua vida entra a Faculdade de Letras? Como é que foi deixar a ilha?

A Faculdade de Letras surgiu um pouco por impulso, porque a verdade é que eu sempre quis música e sempre quis fazer música. Antes de vir para Lisboa, após terminar o 12º ano, fiquei um ano na Madeira a fazer um curso de jazz. Nessa mesma altura, vim a Lisboa fazer uma audição para a Escola Superior de Música de Lisboa e não entrei. É aí que a Faculdade de Letras entra: eu não passei na audição e cheguei à conclusão que, talvez, ingressar na música não estava destinado e que o mais seguro era optar por outro caminho. Então, analisei as minhas opções: eu fiz o secundário em Línguas e Humanidades, sempre gostei de História, mas não queria abandonar por completo a vertente artística, porque é uma parte muito grande da minha vida. Soube da existência do curso de Estudos Artísticos através de uma amiga minha e decidi candidatar-me. Relativamente a deixar a ilha e vir para o continente, acho

que isso já é uma ideia muito presente nos ilhéus, desde muito cedo. Algo em nós já sabe que não é ali que vamos ficar para sempre. Claro que há casos e casos, mas não é fácil seguir os nossos sonhos lá. Podemos sempre voltar, mas em algum momento temos de sair e, com o tempo, vamos aprendendo a gerir a ansiedade, tristeza e saudade que vamos sentindo por estarmos longe. Eu tive a sorte de vir para Lisboa com os meus melhores amigos e isso facilitou muito o processo, mas, na maioria das vezes, não há essa sorte e acaba por ser uma experiência mais desafiante. Foi esse contexto e o mote para a minha música *Na Ilha*, que acaba por abordar esses assuntos e, de certa forma, confortar quem se identifica com aquelas palavras.

Apesar do teu tempo na FLUL ter sido curto, que tipo de ensinamentos adquiriste na faculdade que te ajudam e pões em prática no teu dia-a-dia?

Sinto que, sem dúvida, a cadeira de Métodos e Instrumentos de Trabalho



© Carolina Santiago

«É importante estarmos num lugar que nos acrescente algo, que nos faça sentir mais completos, não estar só por estar. A vida é tão instável que não vale a pena perdermos tempo com aquilo que não nos apaixona.»

Científico com a professora Margarida Madureira salvou-me a vida muitas vezes [risos]. Mesmo na Escola Superior de Música, o que aprendi nessa cadeira ajudou-me imenso na elaboração de trabalhos escritos. Não só a mim, como aos meus colegas que, por vezes, tinham algumas dificuldades, porque tiveram uma educação muito prática, toda ligada à música, e, às vezes, eu desenrascava alguns apontamentos [risos]. Teoricamente, ajudou-me imenso, mas sobretudo o que levei comigo foi toda uma outra visão sobre as artes, principalmente para além da música: cinema, teatro, pintura - consegui desenvolver um grande interesse e uma visão mais aprofundada nesses ramos artísticos.

Como foi a decisão de mudar, de ter de abandonar a FLUL e seguir a tua grande paixão que é a música?

Tenho de dizer que não foi fácil, de todo. Eu estive apenas um ano na Faculdade de Letras, mas eu adorava a faculdade, adorava o curso, adorava ter de estudar para essas cadeiras e onde estava. No entanto, sempre tive aquele bichinho pela música, por isso voltei a fazer uma segunda audição para a Escola Superior de Música e entrei. Aí, tive um momento agridoce, por ter de optar entre duas coisas que gostava. Sentei-me, refleti muito sobre a decisão, falei com os meus pais e amigos. O meu pai é uma pessoa muito rígida e pragmática, colocou-me logo a grande questão: «E se a música não correr bem?», mas e se correr bem? No final do dia, era uma decisão só minha. Eu gostei imenso do meu primeiro ano na FLUL, sentia que valia a pena continuar, mas ao mesmo tempo, sentia que, ao deixar a música em standby, não me estava a entregar por completo e não estava a lutar pelo meu sonho com força suficiente. Então, tive de optar, senti que tinha de me entregar por completo e foi o que eu fiz, optei pela música.

O que é que podes dizer a toda a comunidade estudantil que tem medo de arriscar e de seguir os seus sonhos?

Algo que penso muito ultimamente é que nós estamos sempre muito focados nestas ideias preconcebidas de «é preciso fazer dinheiro, é preciso ter uma casa com x idade, é preciso constituir família com x idade». Existem tantas coisas que podem acontecer na vida de uma pessoa. Por exemplo, a pandemia moldou-nos, criou novos medos, inseguranças e uma nova forma de pensar. Eu acho, sinceramente, que a vida é muito curta para fazermos algo de que nós não gostamos. Há sempre a possibilidade de sairmos, nós não estamos presos num lugar. Se estás num curso ou num trabalho que não gostas, que não te preenche, é importante tomares uma decisão que te faça feliz. E essa decisão é só tua, só tu é que estás a viver a tua vida, só tu é que sabes realmente o que sentes, o que te faz feliz e o que te apaixonas. É importante estarmos num lugar que nos acrescente algo, que nos faça sentir mais completos, não estar só por estar. A vida é tão instável que não vale a pena perdermos tempo com aquilo que não nos apaixonas.

Deixaste a Madeira, vieste para a Faculdade de Letras, depois foste para a ESML... em que momento entrou, na tua vida, a Great Dane [produtora de música]?

A Great Dane entrou na minha vida, porque eu era uma desvairada [risos]. Eu tinha aulas às 08h00, tinha de acordar às 06h00, mas ia para jam sessions até às 04h00 da manhã. O meu bichinho da música não fugia e eu andava na FLUL na altura, mas não queria perder o contacto que tinha com a música, então, era a minha forma de me compensar, de estar mais próxima daquilo que gostava. Eu era muito envergonhada, nunca cantava nas jam sessions a que ia, mas numa das vezes que fui ao Menina e Moça, perdi o

medo e decidi cantar. «Se não correr bem paciência, ninguém te conhece, não há problema nenhum, se correr mal não voltas cá». Mas correu bem. Uma rapariga, a Tainá, que é uma excelente artista, gostou de me ouvir cantar e convidou-me para eu ir à Great Dane. Ela estava lá a gravar um disco e disse-me para eu ir e ver como as coisas funcionavam, conhecer o espaço. Eu fui, deixei-me levar. Eles gostaram de mim e a partir daí... é a história que estou a viver agora. [risos]

O que fazes atualmente? Como é um dia na vida da Elisa?

Um dia na vida de um artista não é sempre igual, de todo. Podes ter meses em que estás completamente parado e estás apenas focado em escrever música, que é o que está a acontecer comigo agora. Estou a fazer o meu segundo álbum, então, estou muito focada em compor e estar com pessoas e partilhar ideias. Depois, tens aquela temporada de promoção de um single/álbum que é uma coisa parva, os dias são muito atarefados: acordo muito cedo, perco toda a manhã em estúdio, na televisão, para cantar uma ou duas canções, entrevistas à tarde, seja por zoom ou em rádios, e depois há noites em que ainda tenho concertos. Esses dias são os mais preenchidos. Depois, há as temporadas mais calmas, em que sou uma pessoa aborrecida [risos]. Eu gosto de me cultivar com arte, então, quando os dias são mais calmos, leio imenso, vou a museus, concertos, vou ao teatro. É a parte maravilhosa de ter amigos de diferentes áreas, há uma troca e uma partilha muito genuína, eu procuro enriquecer-me dessa forma.

Como é que se diz à Elisa criança que em 2020 vais ganhar o Festival da Canção?

Primeiro, ela não iria acreditar, de todo! Sem dúvida, nenhum momento da minha vida me preparou para o que aconteceu

em 2020. Ainda por cima, venho de uma família que é extremamente pés assentes na terra. Não há cá coisas, as tuas conquistas são fruto do teu trabalho, mas há que continuar a trabalhar. É um «parabéns» seco e siga com a vida, é para continuar a trabalhar e não ficar parado. Nunca na minha vida pensei que isso iria acontecer, sobretudo tão cedo. Fazia parte dos meus planos participar no Festival da Canção. Era um sonho que eu sabia que iria pôr em prática em algum momento da minha vida, por volta dos 30 anos, com mais experiência e mais vida. Nunca pensei que fosse aos 20, tão cedo e tão perdida da vida [risos]. Eu e a Marta éramos duas miúdas, das mais novinhas do Festival, e a concorrer contra artistas com muita exposição e com carreiras muito estabelecidas: Dino d'Santiago, Jimmy P, Bárbara Tinoco. Nada em nós nos dizia que íamos sequer passar à final, quanto mais vencer o Festival da Canção. Ainda por cima eu, muito nova nestas andanças, ainda sem carreira, ninguém me conhecia. Foi surreal.

Apesar da vitória do Festival da Canção, o Covid impossibilitou a tua ida à Eurovisão. De que forma a pandemia afetou a tua carreira profissional?

Eu sou mais de viver no momento, mas a



© Carolina Santiago

minha equipa pensa muito mais na estratégia. Claro que ir à Eurovisão te dá uma visibilidade a nível mundial, mas, só por si, o Festival da Canção já é uma rampa de lançamento enorme. Por isso, antes de sabermos sequer o que iria acontecer, já estávamos a preparar o lançamento de um single e de um álbum. A pandemia veio atrasar as coisas, numa altura em que o mundo estava parado, sentimos que era melhor fazer uma pausa para cuidarmos de nós. *Coração*, o meu primeiro single, foi lançado em setembro, quando as coisas acalmaram um pouco, de forma a que as pessoas soubessem que eu não tinha parado, que estava ali a continuar a fazer coisas, mas sempre com calma, cuidado e sensibilidade, porque estávamos a viver um novo normal.

O teu primeiro single, *Coração*, tem uma história muito engraçada e relaciona-se com a FLUL, queres partilhar?

Pois tem! [risos] Eu já estava na Great Dane, entrei em janeiro de 2019 e ainda estava na FLUL. Eles incentivaram-me a escrever e a começar a compor. Eu aproveitava as viagens de autocarro e outros momentos para escrever algumas coisas. Um dia, estava numa aula de inglês [risos] – em minha defesa eu adorava as aulas de inglês e passei com boa nota! [risos] O que aconteceu foi que, numa dessas aulas, acabei por

escrever um poema corrido, que veio dar origem à letra do *Coração*. A verdade é que foram poucas as alterações que foram feitas a esse poema. Acabei por ir a estúdio e o LEFT musicou-o, e foi assim que nasceu *Coração*, que é muito especial para mim, porque foi a primeira vez que senti que estava a compor alguma coisa a sério.

Como foi ver o teu primeiro single a fazer parte da trilha sonora de uma novela da TVI?

Eu acho que é, sem dúvida, uma sensação muito boa! Lembro-me de quando era miúda ver várias novelas com a minha mãe e descobrir novas músicas através delas. Sonhava um dia com a possibilidade de uma música minha entrar numa novela, de fazer parte daquela história, da vida de uma personagem e, quando isso aconteceu, fiquei com um brilhinho nos olhos. Pensei que tudo era possível e que estava a concretizar mais um sonho meu. No entanto, eu sou uma pessoa que não se deixa deslumbrar muito com estas coisas: a minha avó e a minha mãe acompanhavam a novela só porque a minha música passava lá [risos], eu não via. Estou extremamente feliz e grata por isso estar a acontecer, por me terem dado essa oportunidade, mas vamos continuar a trabalhar. O meu troféu do Festival da Canção, por



«Eu e a Marta éramos duas miúdas, das mais novinhas do Festival, e a concorrer contra artistas com muita exposição e com carreiras muito estabelecidas: Dino d'Santiago, Jimmy P, Bárbara Tinoco. Nada em nós nos dizia que íamos sequer passar à final, quanto mais vencer.»

exemplo, está empacotado e arrumado num cantinho, sinto que não preciso de o ver. Eu sei o que aconteceu, tenho muito presente todas as memórias, trago tudo no meu coração e sou muito feliz por essa conquista, mas não quero ver o prémio, porque sinto que não tenho de o expor. Não me quero deslumbrar e quero continuar com os pés assentes na terra, aqueles 5 minutos de fama não vão definir a pessoa que sou, tanto para as coisas boas como para as coisas más. Nesse sentido sou como o meu pai: bola para a frente, há coisas a fazer.

O mundo da música é o que tu imaginavas?

De um certo modo sim, de um certo modo não. Eu acho que nunca coloquei uma névoa cor-de-rosa em torno da indústria da música, mesmo antes de fazer parte dela. Às vezes, as coisas não são assim tão genuínas, às vezes as coisas são muito estudadas e isso é algo que me chateia e me deixa triste. Eu sou uma pessoa genuína e gosto que as pessoas confiem e gostem de mim por aquilo que veem de mim, porque é assim que eu sou. Para mim, ter as coisas estudadas ao ponto de eu deixar de ser genuína não me deixa confortável, por vezes há sítios que te tentam moldar e isso deixa-me irritada. Outra coisa que me chateia é, por vezes, não ser só a música, mas sim o teu aspeto, a forma como te vestes e arranjas. Deixa-me triste ser avaliada pela minha aparência e não pelo meu talento, não por aquilo que crio e que me apaixona. Preciso de estar sempre a publicar fotos e a ser ativa nas redes para que ouçam a minha música? Não quero, de todo, que ouçam a minha música, porque me acham bonita. Não acho que as coisas precisem de funcionar assim. Não é o aspeto que conta, quando estamos a falar de música, pelo menos não deveria ser. Por outro lado, tendo noção que o mundo da música é tão competitivo, tinha a ideia de que toda a

gente se iria tentar apunhalar pelas costas, usar-te para chegar a algum lado e depois não querer saber de ti. Neste aspeto, eu sou uma sortuda por ter entrado na Great Dane e por me rodear de pessoas boas, criativas e que fazem música pelo prazer de fazer música e não a pensar no seu valor comercial. É tão bonito quando se partilha música, quando encontramos amizades bonitas e criamos músicas bonitas que tocam outras pessoas. Tenho muita sorte de ter encontrado um grupo tão bom e de coração tão aberto na música, isso deixou-me mesmo muito feliz.

Quais são os teus planos futuros? O que nos podes contar e o que podemos esperar da Elisa em 2023?

Como já mencionei, estou a trabalhar no meu segundo álbum e faz parte dos planos lançarmos um single ainda este ano... e muitos concertos! Espero que haja muitos, porque, mais do que tudo, eu gosto de estar com e cantar para as pessoas, poder olhá-las nos olhos e falar com elas. As pessoas que me seguem, que acompanham o meu trabalho e gostam de me ouvir, são uma das maiores razões para eu estar a fazer isto. É claro que eu amo a minha arte e que isto me faz feliz, mas sobretudo gosto de o fazer, porque vejo que deixa outras pessoas bem e isso deixa-me muito feliz!

Elisa sugere:

Livro: *Gentlemen em Moscovo* de Amor Towles

Filme: *Love, Rosie*

Música: *Here Comes The Sun*, The Beatles

Álbum: *Abbey Road*, The Beatles

Lugar: Ponta do Sol, Madeira

O Fim do Meu Para Sempre

Autoria: Bruna Ribeiro
Edição: Rita Magalhães

E se um dia te dissessem que não vais poder voltar a fazer o que mais gostas? Que, de um momento para o outro, a tua vida vai mudar? Aconteceu comigo, num qualquer gabinete médico do Hospital da Luz de Lisboa, a 30 de março de 2022. A dança faz parte da minha vida desde que me lembro.

A *sexta arte* sempre foi o meu refúgio, o abrigo que procuro depois da tempestade. A minha forma de expressão sem usar palavras, de descontrair num dia mau e celebrar num dia bom.

Dançar trouxe-me muita coisa boa. Introduziu-me às artes. Foi uma ajuda valiosa na busca de amor próprio. Fez-me apaixonar ao ponto de querer sair de casa num fim de tarde ventoso e chuvoso de dezembro – daqueles em que o guarda-chuva se vira ao contrário –, porque tinha treino e não queria faltar. Quando entrava por aquela porta, a ansiedade desaparecia e não havia lugar nenhum no mundo onde eu preferisse estar que não naquele ginásio – apesar do calor (sim, em dezembro) ser insuportável, porque investiam em tudo, menos em ar condicionado. Naqueles corredores, fiz amizades para a vida, partilhei muitos sorrisos e chorei mais vezes do que gostaria de admitir. Com esta família, fiz viagens incríveis nas quais tive a oportunidade de representar o meu clube e sair à rua com as nossas cores.

Por isto e por tudo o que não escrevi, amo a dança com todo o meu coração. E nunca, nem nos meus piores pesadelos, me ocorreu que deixar de dançar aos 19 anos pudesse vir a ser uma realidade na minha vida. Nunca pensei ter de abandonar esta paixão de um momento para o outro – sem aviso prévio – e tal trouxe-me uma agonia que me acompanha até hoje. E o pior não foi o choque, não foi a surpresa. Foi o *adeus*. O *adeus* a um lugar onde fui muito feliz. E toda a gente sabe que, quando envolve felicidade extrema, partir custa o dobro. Foi a despedida de um sítio onde passei muitos anos. Foi o *adeus* a um lugar de onde não pensei sair tão cedo, onde

imaginei fazer outras pessoas felizes ao ensinar o que sei sobre dança contemporânea e passar este amor a uma nova geração. A despedida trouxe consigo as saudades que, por serem tantas, já apertam. E sinto falta de absolutamente tudo. Da ansiedade antes de cada espetáculo, que era o combustível para as semanas que o antecediam. Dos treinos até às tantas – que já são tradição perto dos famosos saraus do clube –, porque o esquema tinha de estar perfeito e havia sempre alguém fora de tempo ou a saltar com a perna errada. Da correria do *Dia D*, que era a confirmação de que estava tudo nos eixos. Do *stress* sentido por todos os envolvidos, que era intenso de tal forma que chegava a ser respirável. Do nervoso miudinho que nos invadia os corpos, que começava nos bastidores e só acalmava depois do aplauso final. E de a única preocupação ser ter de colocar as emoções de lado em prol de uma boa



exibição. No fundo, são saudades que não cabem no peito.

Mas então, como é que isto aconteceu? Por que razão tive de deixar de dançar? Sou muito sincera quando digo que não tenho memória de alguma vez um treino ter piorado o meu dia, exceto no dia *11 de março de 2022* – uma sexta-feira chuvosa que ficou marcada no calendário. O dia em que uma simples pirueta se transformou num pesadelo. Se me perguntarem como, não sei responder. Aconteceu tudo muito rápido. As dores eram inimagináveis, o meu joelho esquerdo inchava a uma velocidade alucinante e lembro-me de ter de engolir o choro nas urgências, porque uma enfermeira me disse que era «só uma entorse». Passaram duas semanas. Duas semanas desde aquele dia e eu ainda não punha o pé no chão. A minha perna esquerda continuava sem caber nas calças de ganga e a dor aumentava de dia para dia. Depois de ecografias, radiografias e uma ressonância magnética, confirmou-se o que eu já temia. Não, não era só uma entorse. As palavras exatas do médico foram «rotura completa do ligamento cruzado anterior, três fraturas e um pequeno esmagamento ósseo. Vamos ter de operar». Lembro-me de engolir em seco. Mal sabia eu que o pior estava por vir. «Operar? Então, depois de quanto tempo posso voltar a dançar?» «Bruna, o que tu tens aqui é uma lesão muito grave, com uma recuperação muito dura e demorada. Começa a pensar na hipótese de não voltares a dançar.» Caiu-me tudo. Desabei naquele consultório. Chorei desalmadamente e parecia haver cada vez menos oxigénio naquele espaço.

Custou-me muito ouvir aquilo. Chorei dia e noite durante muito tempo. Porque a dança é a parte mais bonita da minha vida. E isto é tão verdade que as pessoas que me rodeiam conhecem a expressão: «*Quem me tira a dança, tira-me tudo.*» E tiraram mesmo. Não me tiraram apenas três treinos por semana.

Tiraram-me identidade, a minha individualidade. Tiraram as palavras à poesia e as estrelas ao céu. Tiraram parte do chão que julguei ser seguro e pediram que me segurasse ao que sobrou.



Não consegui segurar-me, porque não me sobrou nada. Só um vazio. Demorei muito tempo a aceitar o que me estava a acontecer. Foram meses de vazio. Aliás, sinto que ainda não me conformei – e o facto de, na biografia da minha página de *instagram*, ainda se encontrar a frase «*dancer at sporting cp*» não ajuda neste processo. Mas não tenho coragem de a retirar. Sinto que, no exato momento em que o fizer, esta parte de mim vai desaparecer. Então vou deixando ficar, ajuda a manter a chama acesa do sonho de voltar a dançar.

Hoje, já fui operada e estou no processo de doze longos meses de fisioterapia – já com cinco completos. Tenho seis cicatrizes feias e alguma vergonha de usar roupa que as mostre ao mundo. A frustração já não me assombra, o medo de não voltar aos palcos está a desaparecer devagarinho – ainda que esteja sempre presente – e a motivação para acabar com este pesadelo é cada vez maior. Ainda que já me tenha passado pela cabeça desistir de tudo e aceitar que acabou, nunca o fiz. Porquê?

Porque a dança é *Casa*. Vai ser sempre *Casa*. E não há nada melhor do que voltar a *Casa*. Só custa não saber quando.



A Pérola

Uma pérola caiu no nosso jardim.

Por entre as muralhas destes versos,
Pétalas escondem-se do medo de não ser –
Qualquer que seja o nevoeiro,
Irá romper pelas caves da amargura.
A liberdade de um dia acordar,
Sabendo que o mar tempestuoso
Lá estará,
E a terra,
Sabendo a pomar e orvalho
(Sob gaivotas caídas),
Também pertencerá
A ti e a mim,
Como se de uma loucura siamesa se tratasse.

O Olhar

Quando descobrirem o caminho para a solidão,
Olhem para o amor!
Pois tudo será em vão:
As cidades desertas,
Os olhares despertos,
A fúria,
O medo.

A fonte etérea da revolução – o expoente eterno da *liberdade* –
Cai sobre o manto da fantasia,
Esconde a florescência da verdade.
Será que toda gente sonha com a mesma utopia?



Camarada Shrek e uma Reflexão a Propósito da Diglossia de Sotaque

Autoria: Leonor Gomes
Edição: Rita Magalhães

O dicionário Priberam em linha entende "diglossia" como «*Situação em que há coexistência de duas línguas ou dois dialectos numa comunidade ou num indivíduo, geralmente usados em contextos ou com objectivos diferentes.*» (1)

A formulação original de Charles Ferguson aplica o conceito a uma variante elevada, H (de *High*), e a uma variante menos prestigiada, L (de *Low*). A variante H associa-se normalmente a maior aprovação e literacia e a variante L tende a acabar por ser vista como uma "corrupção" do "bem falar". Tradicionalmente, falamos de duas variantes dialectais da mesma língua (i.e. mutuamente inteligíveis), mas a diglossia pode estender-se a variantes com parentesco distante (2), como foi o caso do latim (H) na Europa Medieval (cujos dialectos locais seriam as vertentes L) (3), ou do galego (L) na Espanha (H) actual (4), ou então estende-se a variantes sem parentesco nenhum, como o inglês (H) na Índia (L).

Segundo Harold Schiffman, um indivíduo sozinho não pode ser diglósico, pois a diglossia é um fenómeno comunitário, i.e., do conjunto de factores socioculturais e estruturas de poder que impedem ou movem a progressão de uma língua. Diferentes valores associam-se a diferentes registos (5) e podemos assim concluir que a diglossia é uma forma de as culturas interagirem categoricamente com a sua realidade identitária.

Detive-me com este conceito quando revi os dois primeiros filmes da saga *Shrek* na sua dobragem portuguesa. É sempre um prazer rever o ogre brejeiro enquanto adulta, quer pelas piadas que antes me passavam ao lado, quer pelos desajustados adoráveis que compõem as personagens principais - porque, no fundo, o enredo de *Shrek* foi um grito antinormativo na cultura ocidental muito antes de produções como *The Greatest Showman* ou o *Ghostbusters* de 2016 fazerem correr tinta. Mas eis que algo, que sempre tinha identificado muito bem,

me soou diferente: o sotaque do ogre. Ora, é sabido que o pântano do Shrek fica algures na Beira Interior!

Eu sempre aceitei o sotaque com naturalidade, pois o Shrek não se encontra muito longe do arquétipo mais grosseiro, mais baixo e mais imundo do saloio Português. Esse saloio era-me, psicologicamente, distante. O problema é que, enquanto via Shrek, também eu crescia no pântano esquecido do interior centro de Portugal.

Como Beirã residindo a maior parte do tempo em Lisboa, o meu sotaque, já de si não muito evidente, tende a esbater-se quando ando por cá, coisa que, hoje em dia, me dói um pouco. Mas posso afirmar que, para chegar a esta dor, tive de sofrer um processo de esclarecimento e aceitação do meu sotaque, dos sotaques à minha volta e daqueles que pintam de diversidade a nossa língua.



[Handwritten signature]

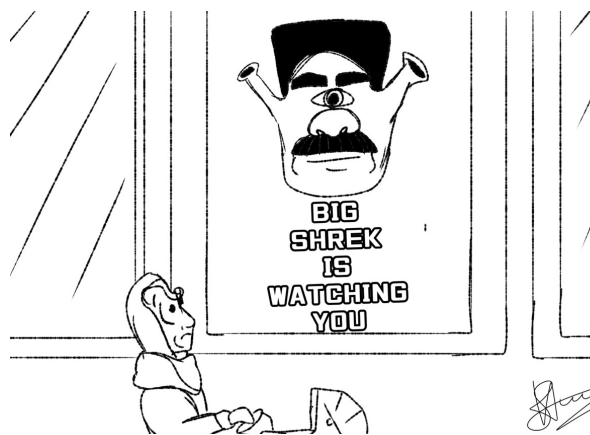
Acontece que, durante a adolescência e a infância, ao passar pela experiência universalmente constrangedora de ouvir a minha voz gravada, apoquentava-me, não a voz, mas o meu sotaque. Sentia-me bruta, labrega, era um sotaque gordo, cujas ondas de som enchiam o espaço. Eu esperava um regato de voz, escorrendo com elegância pela poesia ou pelas notícias, como o português “neuro” (termo pernicioso) que ouvimos nos meios de comunicação. Contudo, não conseguia falar de outra forma, nunca fizera a distinção entre o que eu e os meus pares falávamos e o que falavam os senhores da televisão – e, no entanto, constatava agora que éramos diferentes. E ademais, por algum motivo, tinha sido induzida a acreditar que o meu sotaque deveria ser o *Low* desta relação linguística. Nem era capaz de discernir o que me soava estranho no meu dialecto, conseguia exagerá-lo, mas não me conseguia livrar dele; só fui capaz de o fazer quando comecei a viver em Lisboa.

Sim, mudei o termo, porque a questão deve ser levada mais fundo, deve ser levada ao dialecto. Este engloba, não só o sotaque, mas o vocabulário, a prosódia, a gramática e as expressões coloquiais. Um sotaque geralmente acompanha um dialecto, salvo em contingências muito especiais. Por outro lado, se o Shrek beirão tem o sotaque, nem por isso emprega um dialecto correspondente. Naturalmente que a dobragem, pretendendo-se para audiências de todo o país, necessitará de uma linguagem rapidamente inteligível por toda esta audiência. Do mesmo modo, porém, o sotaque sem a bagagem cultural que lhe corresponde não se torna, aqui, um mero acessório de preconceito? Como não sentir que foi colocado para “lisboeta ver”?

E para que conste, o dobrador de Shrek (um excelente dobrador, diga-se), José Jorge Duarte, não possui um sotaque natural das Beiras. Ele é de Almada (6). Que a escolha do sotaque se trata de estereotipação, parece claro. Mas e se foi uma decisão inocente, justificada nas pretensões artísticas do trabalho original?

Debruçamo-nos sobre este e eis que, no meio de dialectos americanos, o personagem Shrek surge, subitamente, com um sotaque escocês!

Numa entrevista de 2007, Mike Meyers, o dobrador original, explica que lhe foi permitido conceder ao ogre um sotaque da sua preferência e que: «Penso que este conto de fadas fala sobre classe [...]. Julguei que um ogre seria da classe trabalhadora e, porque metade dos meus antepassados veio da Escócia e pertencem à classe trabalhadora, veio-me logo à ideia que um sotaque adorável para a classe trabalhadora seria o escocês» (7).



Habemus camarada Shrek!

Um Shrek “adorável” da “classe trabalhadora”?! Naturalmente que uma das morais a retirar, sobretudo dos dois primeiros filmes, é que não devemos julgar alguém com base nos preconceitos que nos foram imprimidos, mas o dobrador relaciona uma personagem horrível, misantrópica, um monstro mitológico, sem hábitos de higiene, seja ela corporal, doméstica ou alimentar, à “classe trabalhadora”. Apenas porque se opõe à realza? Em todo o caso, consigo, a custo, compreender uma tal interpretação e estranha homenagem à família escocesa – enquanto adulta, jamais o teria feito enquanto criança. Pararei por aqui, pois não quero estar a colocar mais em causa a boa-fé de Meyers.

Portanto, a voz escocesa de Shrek é fundada nas ideias pré-concebidas de um indivíduo canadiano, tendo sido transposta por alguém ou alguéms para o saloio Português.

Não quero com tudo isto dizer que o sotaque do Shrek foi, inconscientemente, responsável pelo meu sentimento de inferiorização, mas que se enquadrará quiçá num fenómeno de poliglossia centralizado na variante lisboeta-aspirante-a-coimbrese do Português. Neste fenómeno, são seleccionados sotaques periféricos para determinadas personagens em produções audiovisuais devido aos cenários-tipo, à realidade sociocultural, afastada dos centros de poder, para que remetem. Quem se recorda da rábula do padre sem pronúncia, dos Gato Fedorento? Parodia justamente estas concepções. Nela, um padre lamenta o seu seminarista não conseguir emular um sotaque da Beira Alta, pois, na cultura popular, o padre tem sempre um sotaque da Beira Alta. Também podemos notar que, quando personagens num cenário do Far West são dobradas, o sotaque utilizado vem, invariavelmente, do Alentejo interior, como no filme Rango (2010) – se bem que, neste caso, existe um evidente esforço de aproximação de realidades geográficas e geopolíticas, pelo que não posso apreciá-lo negativamente.

E agora? São estas dobragens enaltecidas de realidades sociais diversas ou perpetuações do “bom selvagem”? Quão maliciosos podem ser os estereótipos? Quão legítimo é as pessoas que se identificam nas culturas referenciadas sentirem-se injustamente representadas?

Não sei se é errado falar de uma cultura metropolitana dominante, à nossa pequena escala portuguesa, mas certo é que as crianças do interior carecem de referências positivas na cultura pop nacional que não as façam sentir os ogres esquecidos no meio do nada, lembrando que só em anos muito recentes é que começaram a surgir os canais de televisão de iniciativa local, em pouco ou nada apelativos ao público infanto-juvenil.

Eu nem considerava o sotaque do Shrek como próximo à minha realidade. É fácil alienarmo-nos sem nos darmos conta, acharmos que não pertencemos ali, porque tudo o que vem de lá torna-se como que reles e nada sofisticado.

Quase todos estes jovens olham para as grandes cidades ou para o estrangeiro, escarnecendo das pessoas e dos hábitos com que se criaram – e às vezes fazem-no com muita razão, mas negam que parte da sua identidade reside ali, consideram-se superiores ao pântano.

Aliás, talvez não resida mesmo, porque ninguém cresce a querer imitar a vertente Low de uma cultura.

Notas de Rodapé:

1. Dicionário Priberam da Língua Portuguesa, "diglossia", 2008-2021.
2. Schiffman, Harold, Diglossia as a Sociolinguistic Situation (University of Pennsylvania, 1999).
3. Ibid.
4. De Lusignan Fan Moniz, Alex, How to Kill a Language: Planning, Diglossia, Bi-normativism, the Internet... and Galician... (2021).
5. Schiffman, Harold, op. cit., Diglossia and the Linguistic Culture that Maintains it.
6. "Informação geral", José Jorge Duarte.
7. "Mike Meyers Talks About Shrek the Third", Close-Up Film.



Sábado

Sábado era o nosso dia. Tomávamos o pequeno-almoço na cama e saíamos para um passeio na praia. Não importava se à chuva ou ao sol. Voltávamos a ser os adolescentes de hormonas descontroladas que se apaixonaram numa manhã quente de setembro, alguns anos antes. Ao sábado, o meu amor por ti crescia, por ser o único dia da semana em que eras meu todas as horas.

«Amo-te todos os dias, mas mais ao sábado.» dizia-te ao ouvido.

Para as outras pessoas, era só sábado. Para mim, era o melhor dia da semana. Era quando os alarmes não tocavam. Quando nos entregávamos totalmente ao nosso Nós. Quando não te partilhava com colegas ou amigos. Ao sábado, tomávamos sempre banho juntos, apesar de divergirmos quanto à temperatura da água. Esfregavas-me as costas e eu punha-te espuma no nariz.

Ansiava a semana toda para que fosse sábado. Queria que todos os dias fossem sábado. Agora, dou por mim a pensar que, desde que te foste embora, nunca mais foi sábado.

Autoria: Bruna Ribeiro
Edição: Matilde Mata

Bad Men

O mundo pede má gente.
Pois, se alguém sobreviver,
Não serão os que, diariamente,
Se compadecem dos que estão a prevalecer,
Ou os que não prosperam do mal alheio.

Se ninguém lucrasse com a propriedade e
recheio,
Onde estaríamos nós? Qual o nosso ofício?
Mortos, como Aquele que nos avisou do vício.

E ainda que muitos chorem,
Mais ainda são julgados
Sem avançar qualquer retribuição.
Pois este mundo injusto não produz restituição.

Autoria: Tiago Correia
Edição: Sofia Lopes
Tradutora: Leonor Gomes

Workshops de Filosofia e Literatura

O Programa em Literatura está a organizar Workshops de Filosofia e Literatura abertos a toda a comunidade estudantil da Faculdade de Letras. Serão feitas pequenas apresentações, seguidas de discussões abertas sobre os tópicos abordados.

Realizar-se-ão nos dias:

- 7, 14, 21 e 28 de março;
- 11 e 18 de abril;
- 2 e 9 de maio.

Podes consultar mais informações no site da FLUL, na secção "Agenda".



O COLA DÁ-TE PALCO

Se pertences à comunidade Fluliana e queres mostrar o teu negócio/projeto/iniciativa, etc., entra em contacto connosco através das nossas redes sociais!



O GUIA DO ESTUDANTE

O **Guia do Estudante** é um documento desenvolvido pelo jornal *O Cola* com o objetivo de te ajudar! Nele encontrarás as mais variadas informações: calendário escolar, como funciona a biblioteca da FLUL, como funciona a Cantina Velha, como tratar do passe do metro, etc. Disponível para *download* no nosso *Linktree*.

PARTICIPA NAS PRÓXIMAS EDIÇÕES

O jornal *O Cola* é um projeto de Letras para Letras, neste sentido temos todo o gosto que faças parte dele. Se queres ver os teus artigos publicados ou ilustrar a próxima edição manda-nos um email para jornalocola@gmail.com



Associação de Estudantes | FLUL
@aeflul
www.facebook.com/aeflulisboa

**PARA SABERES MAIS SOBRE O JORNAL "O COLA" CONSULTA
AS NOSSAS REDES:**



@JORNALOCOLA



@JORNALOCOLA



JORNAL O COLA

WWW.JORNALOCOLA.WIXSITE.COM/OCOLA